COISAS DA POLÍTICA

DORA KRAMER

CPI - Documentos

O pior ainda está por vir

Gente importante da CPI já começa a formar convicção de que é grande o risco de o Congresso vir a perdoar a máfia do Orçamento, absolver os réus, desmoralizar a comissão e acabar definitivamente com o pingão de respeitabilidade perante a opinião pública que ainda resta ao Legislativo. Enquanto está todo mundo prestando atenção à CPI propriamente dita — imaginando que é lá onde mora o perigo de um *aco-chambro* geral —, um movimento sorrateiro, mas consistente, ganha corpo entre senadores e deputados que não estão sob a luz desses refletores.

A movimentação visa a cultivar, paciente e persistentemente, o que o senador Elcio Álvares (PFL-ES) chama de "anticorpo contra a CPI". Ele até usa a imagem do organismo humano para lançar o alerta aos integrantes da comissão que se imaginam absolutos e consideram, desde já, como certa a cassação dos *anões* e seus comparsas. Pelo raciocínio — que não é fundado em tese vã, mas em informação precisa colhida direto na corporação que ensaia sua estratégia de defesa —, quanto mais convicta de que é tão poderosa que não precisa prestar atenção ao plenário, maior será o risco de a CPI provocar uma inversão de resultados. "Se isso acontecer, talvez a opinião pública encontre, na hora de serem votadas as cassações, um grupo muito aguerrido para combatê-las. Aí todo o trabalho da CPI estará destruído e a instituição desmoralizada", argumenta o senador.

Dizia isso a propósito de defender a tese da não convocação de Miguel Arraes (PSB-PE) e Roseana Sarney (PFL-MA) para depor na CPI. Falava duas horas antes da decisão de deixar o ex-governador pernambucano de quem se encontrou uma referência no valor de 30 mil dólares nos documentos da Odebrecht, de fora da CPI. Na opinião de Elcio Álvares, a convocação de Arraes só acirraría os ânimos — que, é sempre interessante repetir, já estão em ponto de bala dentro da comissão — à esquerda. Chamado Arraes, certamente não se deixaria de incluir no rol dos suspeitos convidados a dar explicações públicas, Roseana. Bom, aí seria a conflagração generalizada, pois o grupo Sarney, que já não é pequeno e ainda por cima tem um poder de influência grande, sairia em busca da retaliação. Em que termos? Apelando ao baixocorporativismo.

"Não podemos incentivar os conflitos, personalizar as decisões, sob pena de termos uma reação partidária no plenário", aponta o senador, lembrando, por exem-

plo, que o PMDB detém o comando de todos os setores importantes do Congresso. Da presidência às comissões. O senador, que se derrama em elogios à condução de Jarbas Passarinho (PPR-PA) na presidência da CPI — "ele administra os humores como ninguém e tem sido o grande fator de equilíbrio nesse momento delicado" —, retrata as aflições que tomam conta das lideranças mais conscientes da comissão com base em informações precisas.

Outro dia, conta ele, num jantar onde estavam 20 senadores, não houve um só que não tivesse uma crítica, um questionamento, um reparo a fazer ao trabalho da CPI. Na Câmara ele tem visto que, longe das câmeras da Radiobrás que transmitem os depoimentos, a sede de punição sobre a máfia é muito, mas infinitas vezes mesmo, menor. Nos corredores, nos gabinetes e até nos restaurantes atribui-se aos réus adjetivos muito mais amenos do que as acusações que surgem da CPI poderiam fazer supor.

Nesse ponto, o senador lembra um outro dado fundamental. A composição da Comissão de Constituição e Justiça, que, depois de entregue o relatório de Roberto Magalhães, é quem cuidará do caso e indicará mesmo as cassações. Mais: a CCJ tem poder terminativo parcial. O que quer dizer o seguinte: se a Comissão de Justiça decidir não cassar este ou aquele, ou até mesmo ninguém, o caso está encerrado. Só na hipótese de a cassação ser decidida é que a questão vai a referendo, ou não, do plenário do Congresso.

Ou seja, se a Comissão de Justiça for complacente, a CPI morre na praia. O deputado Nilson Gibson (PMDB-PE) anda dizendo pela Câmara que, com a atual composição da CCJ (que muda em fevereiro), Genebaldo Correa (PMDB-BA) estaria salvo. "Só tem amigo dele lá", disse Gibson a um colega de Câmara. Pois para evitar que o compadrio suplante tudo o mais é que a composição da comissão terá de ser feita com muito cuidado. O perfil que os papas da CPI têm para ela ainda não está totalmente delineado, embora já se saiba que uma característica é fundamental, a semelhança de propósitos com o comando da CPI. Já se fala, aliás, para presidi-la, no deputado Odacir Klein (PMDB-RS), vice-presidente da Comissão de Inquérito.

Com todos esses problemas, riscos e armadilhas pela frente, a constatação final de Elcio Álvares pode assustar quem imaginou que o drama do Congresso está quase no final: "Até agora fizemos 20% do trabalho. O difícil mesmo ainda está por vir."